

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

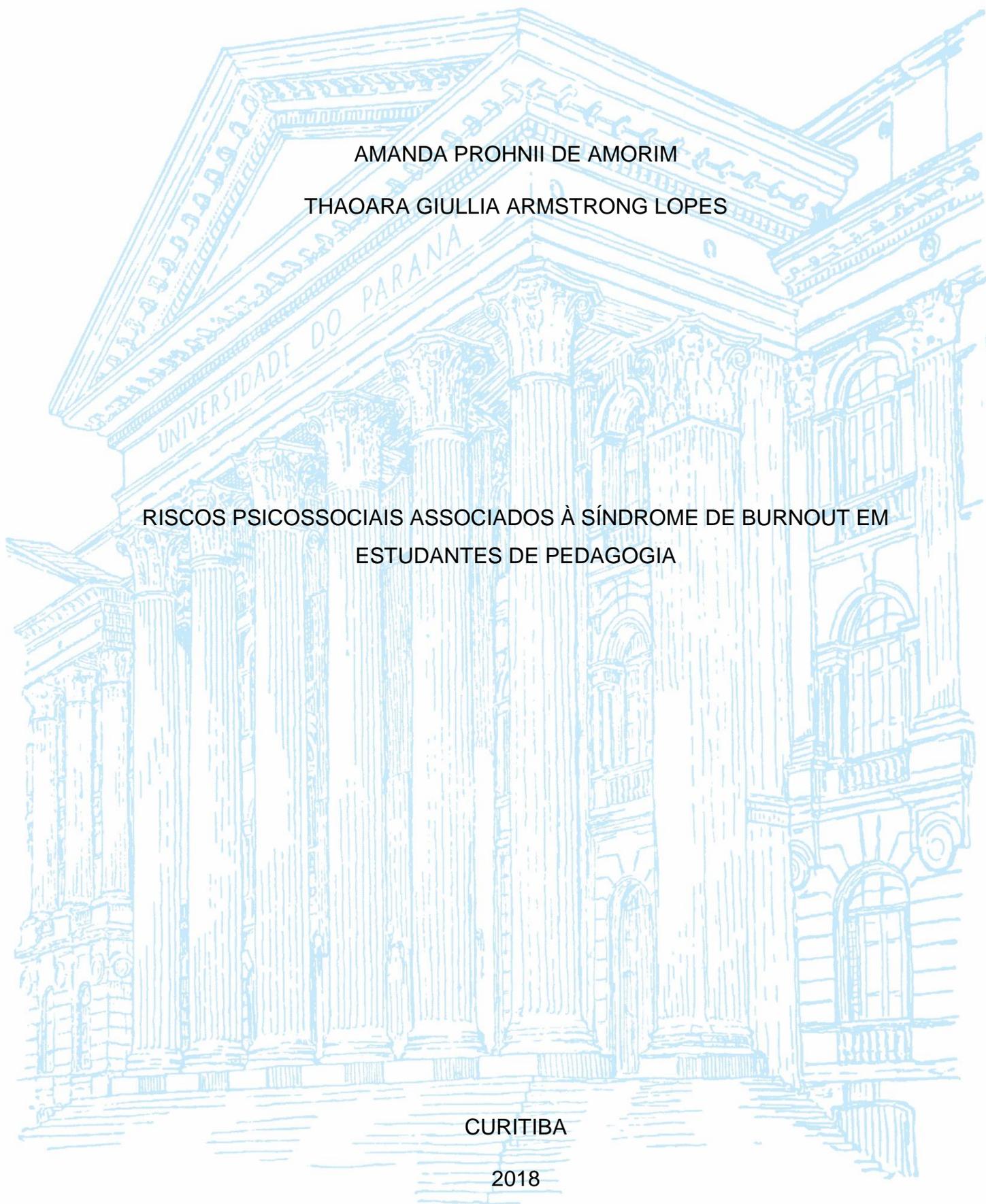
AMANDA PROHNII DE AMORIM

THAOARA GIULLIA ARMSTRONG LOPES

RISCOS PSICOSSOCIAIS ASSOCIADOS À SÍNDROME DE BURNOUT EM
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

CURITIBA

2018



AMANDA PROHNII DE AMORIM
THAOARA GIULLIA ARMSTRONG LOPES

RISCOS PSICOSSOCIAIS ASSOCIADOS À SÍNDROME DE BURNOUT EM
ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial à obtenção do título de
Pedagoga, Curso de Pedagogia, Setor de
Educação, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Regina Dias da
Costa

CURITIBA

2018

TERMO DE APROVAÇÃO

AMANDA PROHNII DE AMORIM

THAOARA GIULLIA ARMSTRONG LOPES

RISCOS PSICOSSOCIAIS ASSOCIADOS À SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado como requisito parcial à obtenção do título de Pedagoga, Curso de Pedagogia, Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná. Universidade Federal do Paraná, pela seguinte banca examinadora:

Profa. Dra. Sandra Regina Dias da Costa

Orientadora – Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná.

Profa. Dra. Luciana Ribeiro Pinheiro

Departamento de Teoria e Fundamentos da Educação do Setor de Educação da Universidade Federal do Paraná

Curitiba, 26 de Novembro de 2018

A todos os estudantes de Pedagogia e outras licenciaturas, pela árdua jornada da graduação ao mercado de trabalho.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos a Deus, pela proteção, amparo e forças concedidas nos momentos de cansaço.

Aos que nos incentivaram nos estudos e nos mantiveram motivados a não desistir, Roque, João Paulo e Talita.

Às pessoas que estiveram presentes neste período da graduação, dando suporte e carinho, nossas famílias, em especial Elias, Josélia, Jovita, Paulo, Terezinha, Tânia, Thallíz, Thaezza e Thiago.

Aos grandes presentes que recebemos durante a graduação, Clarice, Luiz Paulo e Miguel.

Às nossas colegas de profissão, com quem convivemos todos os dias, e contribuíram para o nosso crescimento profissional e pessoal.

À Professora Sandra, que nos orientou com carinho e sabedoria desde o primeiro ano da graduação.

Ao Curso de Pedagogia da UFPR, que ainda que apresentasse algumas intempéries, nos elevou no conhecimento.

Agradecemos também a todos que de alguma forma contribuíram para a conclusão da nossa graduação.

“A educação não transforma o mundo. A educação muda as pessoas. Pessoas transformam o mundo.”

Paulo Freire

RESUMO

O trabalho teve como objetivo estudar a Síndrome de Burnout, suas características e possíveis fatores de riscos psicossociais, especialmente em relação à atividade docente. A partir disso, partiu-se da hipótese que os estudantes de Pedagogia possam estar expostos àqueles fatores e isso possa influenciar no desempenho acadêmico, no trabalho e na qualidade de vida dos mesmos, prenunciando uma possível Síndrome de Burnout ainda na graduação ou no início da carreira como professor. A partir da revisão de literatura foi criado um questionário com o intuito de traçar um breve perfil dos estudantes de Pedagogia, além de analisar o contexto em que estão inseridos, e proporcionar uma reflexão acerca da exposição à riscos psicossociais destes estudantes em seus cotidianos, uma vez que muitos estudantes universitários, além de estarem submetidos à uma sobrecarga de atividades acadêmicas, precisam se dispor de uma jornada dupla, aliando os estudos ao trabalho. A análise das informações obtidas, a partir dos referenciais teóricos, permitiu identificar que vários estudantes já exercem a docência ou estagiam em ambientes escolares concomitantemente com as atividades acadêmicas, e que estes ambientes contribuem com alguns fatores de riscos psicossociais que podem levar ao estresse e sinalizar para riscos de Síndrome de Burnout. Ainda assim, não é possível afirmar se esta exposição aos fatores de riscos pode ou não acabar desencadeando a Síndrome de Burnout.

Palavras-chave: Estudantes de Pedagogia. Síndrome de Burnout. Riscos Psicossociais.

ABSTRACT

This paper aims to study the Burnout syndrome, its characteristics and possible psychosocial risk factors, specially concerning about teaching activity. From here, emerged from hypotesys that Pedagogy students may be exposed to those factors and it could influence their on the work, academic and personal performance, foreshadowing a possible Burnout Syndrome still on their graduation or even in the beggining of their career as a teacher. By revising the literature, a questionnaire was raised with the intention to trace a brief profile of the Pedagogy students, besides analyzing the context they are inserted, and provide a reflexion about their exposure to psychosocial risks on their routine, since many students besides being subjected to an overload of academic activities, need to have a double shift, combining study with work. The analysis of the information obtained, and the theoretical references, allowed to identify that several students already teaches or are in probationary period in a school environment along their academic activities, and this environments contribute with have some psychosocial risks that may lead to stress and signal to Burnout Syndrome risks. Nevertheless, it is not possible to confirm if this exposure to psychosocial risks may or not end up triggering Burnout Syndrome.

Keywords: Pedagogy students, Burnout syndrome, Psychosocial risks

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – CATEGORIZAÇÃO DA SINTOMATOLOGIA DA SB.....	17
TABELA 2 – CATEGORIZAÇÃO DOS RISCOS PSICOSSOCIAIS RELACIONADOS AO CONTEXTO E AO CONTEÚDO DO TRABALHO.....	19
TABELA 3 – CARGAS HORÁRIAS FORA DE SALA DE AULA.....	33
TABELA 4 – QUESTIONÁRIO: QUALIDADE DE VIDA DOS ESTUDANTES.....	33

LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – IDENTIDADE DE GÊNERO, IDADE E TIPO DE INSTITUIÇÃO DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA PARTICIPANTES.....	31
GRÁFICO 2 – PARTICIPANTES DE PROGRAMAS DE BOLSAS.....	31
GRÁFICO 3 – ATIVIDADES REMUNERADAS APRESENTADAS PELOS ESTUDANTES	32

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	11
2. SÍNDROME DE BURNOUT	14
2.1. RISCOS PSICOSSOCIAIS	18
2.2. SÍNDROME DE BURNOUT E A DOCÊNCIA	19
2.3. SÍNDROME DE BURNOUT E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	22
2.4. O CURSO DE PEDAGOGIA	26
3. ESTUDO DE CAMPO	29
3.1. METODOLOGIA	29
3.2. INFORMAÇÕES OBTIDAS	30
3.3. ANÁLISE E DISCUSSÃO	34
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	40
REFERÊNCIAS	42
ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO SOBRE O PERFIL DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA	47

1. INTRODUÇÃO

A humanidade vem ao longo do tempo passando por grandes transformações em sua maneira de viver, e a partir do século XX, juntamente com grandes inovações tecnológicas, as relações de trabalho tornaram-se mais complexas diante de novos processos, conseqüentemente, esta “evolução tecnológica trouxe contribuições para o desenvolvimento do homem em seu contexto social, cultural e biológico; contudo, também, veio acompanhada de numerosos problemas, expondo-o à fragilidade física e emocional.” (CAMELO; ANGERAMI, 2008, p. 232).

Considerando que nós mesmas, e muitas das nossas colegas de Pedagogia carregavam queixas sobre estarem cansadas em relação ao trabalho e aos estudos, tendo algumas até se afastado por um tempo por motivos de saúde, nos sentimos instigadas a pesquisar se estas colegas estariam expostas a algum tipo de fator estressor, tanto no ambiente de trabalho quando acadêmico, que as fizessem se sentirem desanimadas, cansadas, e até mesmo adoecessem por estes fatores.

O ambiente de trabalho é um potencial gerador de estresse para o trabalhador, assim, pesquisadores demonstram cada vez mais atenção para os fatores psicossociais no trabalho.

Uma das causas do afastamento do ambiente laboral por adoecimento causado pelo estresse, que vem sendo discutida com mais abrangência nas últimas décadas é a Síndrome de Burnout (doravante referida como SB). Gil-Monte (2005), verifica que alguns pesquisadores associam a SB e aproximam seus estudos aos fenômenos psicossociais, onde passa a ser identificado como um processo de adaptação a situações de estresse dentro do contexto laboral. De acordo com o autor, por meio da concepção psicossocial a SB não é identificada como um estresse psicológico, mas pode ser associada a uma resposta do estresse laboral crônico que está relacionado as interações entre os profissionais que prestam serviços e os que recebem. É considerado um mecanismo para enfrentar e se proteger diante de situações de estresse que são ocasionados pela relação dos profissionais e seus clientes e dos profissionais e da organização.

Fica evidente que o ambiente, as condições e as situações vivenciadas pelos profissionais possuem grande influência sobre a sua qualidade de vida, onde em algumas situações são responsáveis por gerar fatores desencadeadores da SB.

Borges et al. (2002), apontam que a SB pode ser compreendida “como um processo que se desenvolve na interação de características do ambiente de trabalho e características pessoais.” (BORGES et al. 2002, p. 190-191). Os autores verificam que este é um problema que aflige os profissionais, principalmente nas profissões onde há o cuidado e momentos onde acontecem mudanças emocionais com outros. (BORGES et al, 2002 apud MASLACH, 1994). Este contato diário direto com pessoas pode resultar em esgotamento, decepção e falta de interesse pelas atividades relacionadas a profissão, onde essas experiências são associadas a SB. (BORGES et al, 2002 apud FREUDENBERG, 1974).

Freire *et. al.* (2012) realizaram uma pesquisa bibliográfica em uma base de dados buscando artigos relacionados à Síndrome de Burnout, de maneira a analisar quais foram as categorias mais estudadas sobre a temática entre os anos 2000 e 2009, e assim observaram que o maior número de pesquisas estão relacionadas à profissionais da área de saúde (60%) e professores (20%), e acabam por afirmar que as pesquisas envolvendo a Síndrome de Burnout direcionadas para os professores estão crescendo significativamente. Segundo Vidal (2017, p. 43-44.), os sintomas da SB mais frequentes em professores são exaustão física e emocional, irritação frequente, ansiedades, raiva e tristeza, podendo desencadear sintomas psicossomáticos como a insônia, úlcera, hipertensão e encefalite, além do uso abusivo de drogas lícitas ou não, o que podem acarretar também problemas no âmbito familiar. A profissão do professor apresenta diversos motivos em potencial que podem gerar estresse, como falta de estrutura no ambiente de trabalho, baixa valorização, excesso de carga horária, conflitos na relação docente-discente, além da pressão do trabalho e social (BENEVIDES *et al.*, 2003 *apud* MAZON; CARLOTTO; CÂMARA, 2008). Estudos relacionados à SB ainda são escassos no Brasil, como afirmam Mazon, Carlotto e Câmara (2008), porém, diante de uma pesquisa realizada com o intuito de investigar maneiras de prevenção da Síndrome de Burnout em professores, as autoras puderam concluir que técnicas de coping¹ podem ser eficientes como uma maneira de aliviar a tensão do trabalho diário.

¹ “A estratégia de coping moderado refere-se ao autocontrole para não agir de forma impulsiva ou prematura. Pode ser considerada uma estratégia ativa, no sentido de que a pessoa está tentando lidar com o problema, mas tem um efeito de passividade, pois o autocontrole exige um tempo de auto-organização no qual o indivíduo está voltado para suas reações enquanto não age.” (CARVER; SCHEIER; WEINTRAUB, 1989 *apud* MAZON; CARLOTTO; CÂMARA, 2008).

Analisando o quadro da Síndrome de Burnout voltada para nosso âmbito de pesquisa, foi possível perceber que ainda existem poucas pesquisas que relacionem a SB aos estudantes universitários, Mota *et al.* (2017, p. 243) afirmam que “o exagero e a exacerbação de tarefas acadêmicas, aliados à conciliação de estudo e trabalho, podem levar estudantes a apresentarem alguns sintomas da Síndrome de Burnout”. Enquanto estudantes do curso de Pedagogia, atuantes na área da educação e futuras professoras, decidimos direcionar o projeto para o nosso âmbito acadêmico, uma vez que percebemos em nosso cotidiano colegas estudantes exaustos, estagiários e profissionais da área cansados e desmotivados diante de um trabalho sobrecarregado e desvalorizado. Buscamos assim verificar se e de que forma os riscos psicossociais relacionados à SB podem afetar a qualidade de vida dos acadêmicos de Pedagogia diante de seus estudos e seu cotidiano, considerando que grande parte dos estudantes possuem, ao mínimo, uma dupla jornada, conciliando trabalho e estudos, apresentando uma rotina exaustiva.

Assim, o intuito deste trabalho é discutir e tentar responder a seguinte questão: as condições de vida pessoal e profissional dos estudantes aportam riscos psicossociais, que podem contribuir para o possível desenvolvimento da Síndrome de Burnout?

Dessa forma, o estudo é pautado na abordagem qualitativa de caráter descritivo, utilizando-se como método de pesquisa uma revisão bibliográfica, a partir do levantamento e leitura de obras primárias e secundárias e um estudo de campo com estudantes do curso de Pedagogia, a fim de buscar responder a questão norteadora da pesquisa. Organizou-se o estudo em dois capítulos: o primeiro aborda a Síndrome de Burnout e o segundo o estudo de campo.

2. SÍNDROME DE BURNOUT

A Síndrome de Burnout (SB), também conhecida como Síndrome do Esgotamento Profissional, tem sido alvo de discussões cada vez mais aprofundadas quando se fala em estresse e distúrbios emocionais relacionados ao trabalho. Pires, Mateus e Câmara (2004) indicam que o termo “Burnout” foi introduzido inicialmente na literatura científica por Freunderberger (1980), um psiquiatra e psicanalista norte americano. Esse termo pretendia descrever a síndrome que Freunderberger percebia frequente entre profissionais que atuavam na área da saúde, onde a tensão emocional estava associada como consequência do contato com outras pessoas e seus respectivos problemas. (FREUNDERBERGER, 1980, *apud* PIRES; MATEUS; CÂMARA, 2004).

A trajetória profissional desse psiquiatra e médico psicanalista, apresentaram dificuldades e frustrações, onde estes fatores segundo Santini (2004, p.185), “o levaram à exaustão física e mental”. Schaufeli (1998), aponta que Freudenberger foi vítima da SB duas vezes e que suas obras abordam um conteúdo intensamente autobiográfico. Ao invés de estudar e compreender seus conceitos, o autor tinha o interesse de prevenir e enfrentar a SB. Freunderberger descreveu a síndrome do esgotamento profissional (SEP)

[...] como um sentimento de fracasso e exaustão causado por um excessivo desgaste de energia e recursos, incluindo em sua definição, através de estudos posteriores, comportamentos de fadiga, irritabilidade, depressão, aborrecimento, sobrecarga de trabalho, rigidez e inflexibilidade. (FREUDENBERGER, 1974, *apud* SANTINI, 2004, p.185)

Ainda que a primeira definição associada à SB seja atribuída à Freudenberger, estudos realizados por Schaufeli (1998), relatam que o termo foi utilizado pela primeira vez por Bradley em 1969, em seu artigo sobre o atendimento comunitário prestado à jovens infratores. (SCHAUFELI, p.107, 1998 *apud* Enzmann; Kleiber, 1989). O termo Burnout foi utilizado somente uma vez entre aspas em uma parte específica, que relatava o impedimento de sua ocorrência entre os profissionais que executavam o programa. A autora aponta que mesmo sem uma explicação aprofundada sobre o tema, isso ilustra que a noção de Burnout já se fazia presente nos Estados Unidos.

Benevides-Pereira (2002), aponta que mesmo não sendo o primeiro a utilizar o termo de Burnout para retratar o esgotamento físico e mental, os trabalhos de Freudenberger (1974, 1975) impulsionaram diversos estudos sobre a temática,

Seus artigos figuraram como um marco e desencadearam inúmeros outros trabalhos em todo o mundo, ocasionando um impacto no meio científico e organizacional. Através das pesquisas que foram se sucedendo, também o conceito de Burnout foi se modificando e ampliando a partir destes estudos. (BENEVIDES PEREIRA, p.14, 2002 apud FAYOS, LÓPES; MONTALVO, s/d; MASLACH; JACKSON, 1981).

O conceito da SB evoluiu com contribuições de vários autores ao longo dos anos. Pires, Mateus e Câmara (2004) consideram mais concreta a definição trazida por Maslach e Jackson (1981), que determinam a SB como exaustão física e emocional que acarreta desmotivação para o trabalho, podendo surgir também sentimentos de fracasso.

Maslach e Jackson (1981), desenvolveram o The Maslach Burnout Inventory (MBI), utilizado com mais frequência como um dos recursos para diagnosticar a SB, onde Benevides-Pereira (2002) aponta que existem várias adaptações e traduções em diversos idiomas. De acordo com a autora, o MBI consiste em “um questionário auto-informe para ser respondido através de uma escala do tipo Likert de 7 pontos, indo de 0 como “nunca” a 6 como “todos os dias”. (BENEVIDES-PEREIRA, 2002, p.73). O questionário é composto por 22 itens, onde 9 estão relacionados à a exaustão emocional, 5 à despersonalização e 8 à realização pessoal. A autora menciona que são considerados em Burnout pessoas que apresentem altas pontuações em exaustão emocional e despersonalização, relacionadas a baixas atribuições a realização pessoal. Existem três versões do MBI, a Human Services Survey (HSS) designada para a avaliação da SB em profissionais de serviços humanos, a Educators Survey (ES) destinada para os educadores e o Geral Survey (GS) para todos os profissionais em geral.

Benevides-Pereira (2015), observou que

considerando a Resolução 02/2003 do Conselho Federal de Psicologia, (CFP, 2003), ainda não está disponível nenhum instrumento de avaliação psicológica que seja voltado especificamente ao burnout e que tenha sido autorizado pelo SATEPSI, órgão responsável pela análise e recomendação de instrumentos para uso em território nacional (CFP, 2003). (2015, p. 61-62 apud CFP, 2003).

Diante disso, foi desenvolvido por Benevides-Pereira (2015) o Inventário da Síndrome de Burnout (ISB), com o objetivo de avaliar a SB, pois no Brasil não existia nenhum instrumento psicológico aprovado para realizar tal tarefa. A ISB foi apreciada por 8 psicólogos que possuíam conhecimento abrangente sobre a temática. Após ser avaliada, foram elaborados 16 itens denominados de Condições Organizacionais, divididos nas categorias positivo e negativo, com 8 itens em cada um. Também foram elaborados 19 itens distribuindo 5 para a Exaustão emocional, 5 para a Realização profissional, 4 para a Desumanização e 5 para o Distanciamento emocional. A autora ainda aponta que a despersonalização é fundamental para a significação da SB, onde no ISB foi dividida em duas escalas denominadas de desumanização e distanciamento emocional.

A SB passou a ser tratada com mais seriedade ao decorrer dos anos, onde estudos e pesquisas sobre a temática foram sendo abordadas, buscando verificar a sua incidência em várias ocupações profissionais e atualmente em âmbitos acadêmicos de diversas áreas.

Maslach, Jackson e Leiter (1981), apresentam como principais sintomas da SB a exaustão emocional, despersonalização² e reduzida realização pessoal, sendo estas características associadas a profissões onde os indivíduos trabalham com outras pessoas. A SB é similar a depressão, mas existem diferenças muito importantes entre as duas, a depressão é uma síndrome clínica e é associada a algo global, enquanto a SB é direcionada ao envolvimento com o trabalho.

A concepção da SB, de acordo com os autores é associada à exaustão que é caracterizada pela falta de energia, esgotamento, debilitação e fadiga, a despersonalização é retratada com a irritabilidade e atitudes negativas ou inapropriadas com as pessoas que estão associadas ao trabalho, a reduzida realização pessoal é associada a diminuição da capacidade profissional e a produtividade.

Tamayo e Tróccoli (2002), definem a síndrome de Burnout como:

uma síndrome psicológica decorrente da tensão emocional crônica no trabalho. Trata-se de uma experiência subjetiva interna que gera sentimentos e atitudes negativas no relacionamento do indivíduo com o seu trabalho

² A despersonalização é definida por Maslach, Jackson e Leiter (1981) como atitudes e sentimentos cínicos e negativos em relação aos clientes, onde o tratamento e o atendimento é realizado de forma insensível e impessoal por parte do profissional, em profissões onde há o contato direto com outras pessoas e seus problemas.

(insatisfação, desgaste, perda do comprometimento). (TAMAYO; TRÓCCOLI, 2002, p.37).

Maslach, Jackson e Leiter (1981) também afirmam que a SB apresenta um caráter psicológico, contudo, segundo a perspectiva psicossocial, a SB não se identifica como um estresse psicológico, mas como uma resposta às fontes de estresse ocupacional vinculadas com as relações sociais que ocorrem no ambiente de trabalho (GIL-MONTE, 2008, p. 5), logo, “este processo é caracterizado por sentimentos de falha ou desorientação profissional, desgaste e fragilidade emocional, sentimentos de culpa pela falta de sucesso profissional, frieza ou distanciamento emocional e isolamento.” (GIL-MONTE, 2008, p. 5, tradução nossa³).

Benevides-Pereira (2002), apresenta um resumo esquemático dos sintomas associados a SB, relacionados aos sintomas físicos, psíquicos, comportamentais e defensivos.

TABELA 1: CATEGORIZAÇÃO DA SINTOMATOLOGIA DA SB.

(continua)

Sintomatologia da Síndrome de Burnout	
Sintomas Físicos	<ul style="list-style-type: none"> • Fadiga constante e progressiva; • dores musculares ou osteomusculares; • distúrbios do sono; • cefaleias/enxaquecas; • perturbações gastrointestinais; • imunodeficiência; • transtornos cardiovasculares; • distúrbios do sistema respiratório; • disfunções sexuais; • alterações menstruais nas mulheres;
Sintomas Psíquicos	<ul style="list-style-type: none"> • Falta de atenção/concentração; • alterações da memória; • lentificação do pensamento; • sentimento de alienação; • sentimento de solidão; • impaciência; • sentimento de insuficiência; • baixa-autoestima; • labilidade emocional; • dificuldade de auto aceitação/baixa autoestima;

³ Texto original do autor: “Este proceso se caracteriza por sentimientos de fallo o desorientación profesional, desgaste y fragilidad emocional, sentimientos de culpa por la falta de éxito profesional, frialdad o distanciamiento emocional, y aislamiento.” (GIL-MONTE, 2008, p. 5)

TABELA 2: CATEGORIZAÇÃO DA SINTOMATOLOGIA DA SB.

(conclusão)

Sintomas Psíquicos	<ul style="list-style-type: none"> • astenia/ desânimo/disforia/depressão; • desconfiança/paranoia.
Sintomas Comportamentais	<ul style="list-style-type: none"> • Negligência ou escrúpulo excessivo; • irritabilidade; • incremento da agressividade; • incapacidade para relaxar; • dificuldade na aceitação de mudanças; • perda de iniciativa; • aumento do consumo de substâncias; • comportamento de alto risco; • suicídio.
Sintomas Defensivos	<ul style="list-style-type: none"> • Tendência ao isolamento; • sentimento de onipotência; • perda do interesse pelo trabalho ou até pelo lazer; • absenteísmo; • ímpetos de abandono do trabalho; • ironia/cinismo.

Fonte: BENEVIDES-PEREIRA (2002).

A autora pontua que uma pessoa com SB não vai apresentar necessariamente todos os sintomas acima listados. Pois isso depende dos fatores individuais, ambientais e a etapa na qual a pessoa se encontra no processo da SB (BENEVIDES-PEREIRA, 2002, p.44-45).

2.1. RISCOS PSICOSSOCIAIS

O ambiente de trabalho, segundo Sobral (2015), até poucas décadas atrás, trazia discussões sobre a saúde do trabalhador apenas em âmbitos físicos, químicos, biológicos e ergonômicos, porém, com a nova organização do trabalho, novas características conjuntas a ele foram configuradas como causas de adoecimento mental, físico e social, como “horários, sobrecarga, número insuficiente de trabalhadores, maior esforço mental, inovação tecnológica, volume de informação e toda a interface dessas com a vida social e pessoal do trabalhador” (SOBRAL, 2015) que são denominadas riscos psicossociais, e como explicam Camelo e Angerami (2008), estes riscos psicossociais

[...] representam o conjunto de percepções e experiências do trabalhador, alguns de caráter individual, outros referentes às expectativas econômicas ou de desenvolvimento pessoal e outros, ainda, às relações humanas e seus

aspectos emocionais. Dessa forma, tais fatores consistem em interações entre o trabalho e o ambiente laboral, a satisfação no trabalho e as condições da organização e, por outro lado, as características pessoais do trabalhador, suas necessidades, sua cultura, suas experiências e sua percepção de mundo. (CAMELO; ANGERAMI, 2008, p. 234)

Camelo e Angerami (2008) afirmam que estes riscos psicossociais podem ser relacionados a vários aspectos organizacionais e ao ambiente de trabalho, e apresentam categorias associadas ao contexto e ao conteúdo do trabalho. A Tabela 2 traz as categorias de riscos psicossociais relacionados ao contexto e ao conteúdo do trabalho apresentadas pelas autoras:

TABELA 2: CATEGORIZAÇÃO DOS RISCOS PSICOSSOCIAIS RELACIONADOS AO CONTEXTO E AO CONTEÚDO DO TRABALHO.

(continua)

Fatores de riscos psicossociais relacionados ao contexto do trabalho	
Cultura e Função organizacional	<ul style="list-style-type: none"> • Comunicação deficiente; • falta de apoio para a resolução de problemas e desenvolvimento pessoal; • inexistência de objetivos organizacionais, entre outros possíveis aspectos.
Função ou Papel na Organização	<ul style="list-style-type: none"> • Conflito e a ambiguidade dos papéis que o trabalhador exerce em seu ambiente de trabalho; • desvio de função.
Desenvolvimento de Carreira	<ul style="list-style-type: none"> • Preocupação acerca da estagnação; • dúvidas na carreira; • baixa valorização pela empresa e pela sociedade.
Decisão e Controle	<ul style="list-style-type: none"> • Direção do trabalho como liderança inapropriada; • depreciação do trabalho; • deficiência na delegação de tarefas; • relações de trabalho equivocadas; • falta de motivação, incentivos e capacitação; • outros aspectos que estão relacionados a falta de autonomia.
Relacionamento Interpessoal no Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Insuficiência de relacionamento com os supervisores; • conflitos interpessoais; • falta de suporte social; • abusos no ambiente de trabalho.
Interface Trabalho-Família	<ul style="list-style-type: none"> • Exaustão emocional somada a sentimentos negativos carregados pelos trabalhadores como a culpa pela ausência na rotina das crianças e o pouco tempo disponível para a família; • a ausência de vida social, entre outros aspectos.
Fatores de riscos psicossociais relacionados ao conteúdo do trabalho	
Ambiente e Equipamento de trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Disposição, o proveito, a manutenção e reparo de equipamentos e facilitadores; • condições físicas do ambiente de trabalho inadequadas; • ambiente de trabalho rodeado de conflitos e o trabalhador, assim, se sente menosprezado.

TABELA 2: CATEGORIZAÇÃO DOS RISCOS PSICOSSOCIAIS RELACIONADOS AO CONTEXTO E AO CONTEÚDO DO TRABALHO.

(conclusão)

Planejamento de Tarefas	<ul style="list-style-type: none"> • Desvalorização do trabalho; • repetitividade nas tarefas; • pouca oportunidade de desenvolvimento; • falta de recursos.
Carga e Ritmo de Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Carga baixa ou exacerbada de trabalho; • falta de controle sobre as tarefas; • altos níveis de pressão.
Esquema de Trabalho	<ul style="list-style-type: none"> • Mudança no esquema ou função no trabalho (podem acarretar em aumento de cansaço, exercício profissional prejudicado e acúmulo de sono); • alta carga horária de trabalho (reduz a oportunidade de apoio social ao indivíduo, causando insatisfação, tensão e outros problemas de saúde).

FONTE: CAMELO; ANGERAMI (2008)

Camelo e Angerami (2008) afirmam que se a equipe é composta por trabalhadores estressados, isto pode resultar em ineficiência, falhas na comunicação, desorganização, insatisfação e, conseqüentemente, diminuição da produtividade, além de ressaltarem que quando o profissional tem clareza do papel que exerce consegue atuar com mais confiança, se posicionando diante de situações, além de propiciar um desenvolvimento de um conceito mais consistente sobre si mesmo, e segundo as autoras, pesquisadores consideram que quanto menor o controle do trabalhador sobre suas atividades, maior a possibilidade de que esta atividade acabe resultando em transtornos para a saúde mental.

2.2. SÍNDROME DE BURNOUT E A DOCÊNCIA

Os autores Maslach, Jackson e Leiter (1981), apresentam estudos direcionados a várias ocupações profissionais, porém, constatam que grande parte das pesquisas relacionadas à SB estavam sendo focadas em professores, e sustentam a ideia de que algumas das razões para isso é que a docência é uma profissão com grande visibilidade, e que o papel desempenhado pelo professor é visto como uma possibilidade de interagir e modificar algumas questões sociais, potencializando a exposição à fatores de riscos psicossociais sobre os profissionais, o que acaba resultando em muitos professores desistindo de suas profissões.

Maslach, Jackson e Leiter (1981) perceberam que os professores que participaram da pesquisa demonstraram que estavam cansados, há uma diminuição na sua energia e sentem que não são mais capazes de propiciar aos alunos momentos de aprendizagens significativas, sendo estas características associadas à exaustão emocional. Em algumas situações, os professores não têm apresentado sentimentos de afetividade em relação aos alunos, e acabam, muitas vezes, apresentando posturas negativas e insensíveis em seu ambiente de trabalho, associando esse fato à despersonalização. O foco dos professores que até determinado momento tinha como intenção auxiliar e ajudar os alunos no processo de ensino-aprendizagem é direcionado para outra área, como receber e produzir mais dinheiro, diminuindo a importância do seu foco principal. Esta situação pode ser caracterizada pela reduzida realização pessoal, onde há uma diminuição nas competências e na produtividade dos profissionais.

Zacchi (2004) desenvolveu um estudo com professores na Rede Pública Municipal de Ensino da cidade de Palhoça, buscando averiguar de que forma o trabalho docente, dentro de um sistema capitalista de sociedade, influenciava na vida e na saúde dos profissionais, destacando que as condições impostas pela profissão ocasionaram problemas de saúde e o afastamento de alguns profissionais da sala de aula, interferindo na sua qualidade de vida. Com base na pesquisa e nas entrevistas que foram realizadas com as professoras, a autora pontua ao longo de seu estudo alguns aspectos que estão associados ao trabalho docente e são ressaltados como negativos, como as precárias condições de trabalho, do ambiente físico, dos recursos e dos materiais, a falta de tempo para corrigir provas, trabalhos e atividades, sobrecarga de trabalho, o fato das profissionais terem que levar suas atividades docentes para darem continuidade em casa, a falta de tempo para realizar suas atividades pessoais, a superlotação das salas de aula, as relações interpessoais com os alunos, as famílias e os colegas de trabalho, o cansaço físico, a desânimo, o baixo salário, a burocracia, a cobrança social exigida do trabalho realizado pelo professor, entre outros aspectos que podem ser associados a diversas das categorias de riscos psicossociais apresentados anteriormente.

Por meio do estudo realizado por Zacchi (2004), fica evidente que em algumas situações as condições de trabalho e as atividades docentes interferem drasticamente na saúde e na vida dos profissionais. De acordo com as entrevistadas, existem alguns

momentos durante a atuação profissional como a convivência com os alunos e o prazer de poder ensinar que proporcionam a sensação de gratidão pela profissão. Mas, infelizmente o cansaço físico, a sobrecarga de trabalho, a baixa remuneração e o ambiente de trabalho são alguns dos fatores que tornam o desânimo presente. Em algumas situações, as relações interpessoais são conflituosas entre os profissionais, os professores e alunos. Diante desse fato, a autora relata que, “as relações conflituosas na escola podem levar o professor a isolar-se aos poucos - podendo até fazer com que muitos abandonem a atividade docente - ou levá-los a buscar formas alternativas de lidar com tal situação” (ZACCHI, 2004, p.60). Na época que a pesquisa foi realizada, a autora apontou que o número de licenças de saúde e afastamentos de professores estavam diminuindo, mas ainda ressaltou que o número de profissionais afastados por motivos e tratamento de saúde continuava significativo. Diante disso, a autora observou que

[...] as doenças de ordem psicológica apresentaram índices superiores às demais. Os danos à saúde de docentes desencadeados no trabalho e por meio dele são evidentes. O sofrimento gerado pelas tensões e pressões no trabalho é revelado também nos depoimentos apresentados e no quadro de incidência de doenças ligadas à saúde mental. (ZACCHI, 2004, p.91)

Assim, é possível afirmar que o contexto laboral em que os professores estão inseridos apresenta diversos riscos psicossociais relacionados a diversas categorias anteriormente apresentadas na Tabela 2 (p. 19) como cultura e função organizacional, desenvolvimento de carreira, decisão e controle, relacionamento interpessoal no trabalho, interface trabalho/família, ambiente e equipamento de trabalho, carga e ritmo de trabalho e esquema de trabalho, que, associando estes fatores à prática profissional, podem acabar resultando tanto em desgastes físicos quanto emocionais, e conseqüentemente, numa possível Síndrome de Burnout.

2.3. A SÍNDROME DE BURNOUT E ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

O contexto acadêmico que caminha conjuntamente a uma sobrecarregada rotina de atividades e estudos vem crescendo como alvo de pesquisas. Algumas dessas indicam que é possível constatar a incidência da Síndrome de Burnout em

estudantes universitários. Mota et. al. (2017), apontam que pesquisas acerca da SB em universitários estão sendo realizadas para averiguar de que forma o processo de ensino-aprendizagem pode influenciar na condição de bem-estar dos estudantes que estão em processo de desenvolvimento profissional, uma vez que “[...] a exacerbação de tarefas acadêmicas, tem sido responsável pelo surgimento de sintomas característicos da Síndrome de Burnout” (MOTA et. al., 2017, p. 246).

Segundo Carlotto e Câmara (2006), a SB em estudantes se dispõe na mesma configuração de três dimensões, sendo elas:

- Exaustão emocional: sentir-se desgastado em relação às atividades acadêmicas e aos estudos.
- Eficácia profissional: sentimentos de não estar sendo competente o suficiente no papel de estudante.
- Descrença: distanciamento em relação aos estudos.

O ambiente, as condições e as cobranças feitas aos estudantes, influenciam significativamente no aparecimento de sintomas da SB. Borges e Carlotto (2004), apresentam uma pesquisa que foi realizada com estudantes de um curso técnico de Enfermagem, e apontam que

Ao analisarmos a relação entre as dimensões de Burnout e fatores de estresse, verificamos que a Exaustão Emocional encontra-se associada positivamente aos seguintes fatores de estresse: conciliar trabalho e curso, muitas disciplinas para cursar, realizar provas e trabalhos de aula, pouca expectativa de colocação profissional, dificuldade de conciliar estudo e família, dificuldade de conciliar estudo e lazer, falta de uma pessoa para dividir dificuldades e falta de retorno positivo do que executa como estudante. (BORGES; CARLOTTO, 2004, p. 51)

Maia (2010), verifica por meio da literatura que existe uma relação entre o estresse e a baixa prática de atividades físicas, ou seja, o sedentarismo contribui para o aparecimento de sintomas associados ao estresse. Em algumas situações, o estresse pode interferir na qualidade de vida dos estudantes universitários, também influenciando nos hábitos alimentares. O estresse relacionado a vida acadêmica e as exigências ocupacionais são possíveis contribuidores para o aparecimento e o aumento do índice de desordens e perturbações alimentares (JIMERSON, 2000 *apud* LOUREIRO, 2006). Diante da rotina atarefada dos estudantes e da sobrecarga de atividades, a prática de atividades físicas e o controle de uma alimentação balanceada se torna algo distante de suas realidades.

Moser, Amorim e Angst (2013), investigaram a ocorrência da SB e como os estudantes de Pedagogia de uma universidade particular de Curitiba lidavam com as mais diversas situações encontradas no âmbito acadêmico, buscando verificar como estas situações eram superadas e como seria possível amadurecer com elas (sendo estes fenômenos denominados de comportamentos resilientes⁴). Segundo os autores, as atividades exercidas pelos estudantes também podem ser consideradas trabalho, mesmo que eles não apresentem características de trabalhadores, pois as responsabilidades destinadas a eles podem se assemelhar às encontradas no ambiente de trabalho, como frequentar as aulas, seguir horários e realizar avaliações, com a intenção de serem aprovados (atingindo metas). Foi constatado que os estudantes estão exaustos emocionalmente, mas se sentem bem com a realização dos estudos, acreditando na existência de sentido e significado para isso. Ainda apontam que os dados não podem apresentar características para a SB e serem associadas as referências literárias utilizadas por eles.

Outro estudo aponta a preocupação com estudantes universitários, focando em graduandos do curso de Enfermagem, realizada por Barlem et al. (2013), e relatam que durante o desenvolvimento da pesquisa ficou evidente que a exaustão emocional pode ser ocasionada pela sobrecarga de atividades, tarefas e a carga horária de disciplinas, onde os estudantes mencionam não possuir tempo para satisfazer as suas próprias necessidades, e assim, esta situação desencadeou o desgaste físico e mental dos estudantes. Os autores ainda apontam que

Outra situação relatada pelos estudantes como fonte de exaustão refere-se à percepção de permanentemente estarem em processo de avaliação pelos docentes frente às suas solicitações, levando-os ao nervosismo, estresse, irritabilidade e a apresentarem alterações no sono. (BARLEM et al., 2013, p.757)

Em relação à descrença, Barlem et al. (2013) observam que este sentimento foi manifestado pelos estudantes por meio de atitudes defensivas características,

⁴ De acordo com a definição utilizada por Grotberg (1995), resiliência “é a capacidade humana para enfrentar, superar e ser fortalecido por ou até mesmo transformado pelas adversidades na vida. Todos enfrentam adversidades; ninguém está isento”. (GROTBERG, 1995, p.5, tradução nossa.)
Texto original do autor: “[...] is the human capacity to face, overcome and be strengthened by or even transformed by the adversities of life. Everyone faces adversities; no one is exempt”. (GROTBERG, 1995, p.5).

“como o não comparecimento às aulas, o distanciamento dos estudos e das atividades extraclasse, o desejo de desistir do curso, além do contato diminuído com colegas, professores e, até mesmo, com os pacientes” (BARLEM et al., 2013, p.757). De acordo com os autores, o desgaste e a exaustão emocional que estavam vivenciando contribuíram para as reprovações nas avaliações e reforço do desestímulo e do desinteresse em relação ao curso, além dos estudantes não conseguirem corresponder às exigências de seus professores e não serem compreendidos de forma individual, a que também influenciou no reforço para desistirem do curso. A prática e a teoria também foram verificadas como reforçadoras do sentimento de frustração e insatisfação dos estudantes em relação ao curso, onde afirmaram que ambos eram distintos. Os estágios não foram acolhedores e os distanciavam da dinâmica que deveria ser trabalhada. A vivência com situações de sofrimento e não reconhecimento do trabalho também foram apontados como um dos motivos que levaram os estudantes a demonstrarem desinteresse pelo curso e se questionarem sobre a escolha da profissão.

Barlem et. al. (2013), apontam que a baixa eficácia profissional foi manifestada pelos estudantes por meio da ideia de não serem eficazes, “evidenciaram sentimentos de insuficiência, impotência, insegurança, baixa autoestima e inferioridade, o que contribuiu para intensificar a insatisfação com o curso” (BARLEM et al., 2013, p.758). Os estudantes apresentavam insegurança para realizar as atividades propostas, onde foi possível observar que a falta de autonomia principalmente durante os estágios e não conseguir corresponder às exigências dos professores contribuíram para estes fatores. A falta de reconhecimento e desvalorização pela profissão que escolheram “contribuiu para o surgimento de sentimentos de inferiorização, baixa autoestima, perda do entusiasmo e incapacidade” (BARLEM et al., 2013, p.758).

Os autores ressaltam que mesmo apresentando as manifestações que foram evidenciadas, não quer dizer que os estudantes do curso de enfermagem que foram pesquisados estejam desenvolvendo a SB. Porém, essa hipótese não deve ser descartada, já que foram relatadas durante as entrevistas manifestações que podem ser associadas as três dimensões da SB, sendo estas exaustão emocional, descrença e baixa eficácia profissional, também conhecidas como despersonalização e reduzida realização pessoal.

Dessa forma, é possível observar que o contexto e o ambiente no qual os estudantes estão inseridos, em algumas situações podem contribuir para o aparecimento dos sintomas e o desenvolvimento da SB, interferindo no desempenho acadêmico e na qualidade de vida. Além disso, os estudos pesquisados evidenciaram que os riscos psicossociais estão presentes no ambiente de trabalho e também no meio acadêmico, pois, ambos podem ser possíveis geradores de estresse. Desse modo, buscamos verificar a ocorrência de riscos psicossociais que estão relacionados à SB em estudantes da graduação do curso de Pedagogia.

2.4. O CURSO DE PEDAGOGIA

Por meio da literatura consultada, é possível verificar que historicamente a maioria dos estudantes do curso de Pedagogia eram e são do sexo feminino. Lima (2016), aponta que a preferência feminina pela profissão é resultado de um extenso trajeto histórico, observando que essa condição e outros aspectos profissionais estão associados as transformações em relação aos lugares ocupados por homens e mulheres na sociedade. A autora constatou ainda que antes do curso de Pedagogia ser instituído no país, havia um idealismo sobre a docência onde as mulheres eram consideradas mais aptas para exercerem o papel educacional, principalmente quando se tratava da educação das crianças. De acordo com Mesquita (2010),

Em relação ao magistério a presença da mulher encontra justificativa ao longo da história, porque enquanto profissionalização permitia a extensão da imagem idealizada do papel da mulher de cuidadora e de maternagem do privado/família para o público/educação. (MESQUITA, p.89, 2010)

Sendo assim, o magistério foi visto historicamente como uma profissão apropriada para mulheres, onde havia a valorização das suas habilidades e qualidades femininas. (MESQUITA, 2010.)

Ao analisar os dados referentes ao curso de licenciatura de Pedagogia na Universidade Estadual de Goiás, do período noturno, do ano de 2005, Rodrigues (2016) constatou que há um percentual maior de formandos do sexo feminino em relação ao sexo masculino. Lima (2016), aponta em seus estudos sobre gênero no percurso de vida de estudantes do Curso de Pedagogia, realizado na Universidade

Federal do Ceará, que há um número significativo de estudantes do sexo masculino no período noturno e que ao longo dos anos este número tem crescido, levando em consideração que historicamente o curso era formado quase totalmente por mulheres. Porém, mesmo com a inserção de homens no curso, o percentual de estudantes do sexo feminino é prevalente.

Rodrigues (2016), verificou que a maioria dos estudantes do curso de Pedagogia não possuía tempo durante a graduação para se dedicarem aos estudos, relatando que os momentos de estudo só ocorriam durante as aulas, nos finais de semana e as vezes duas horas durante o dia, pois a autora observou que a maior parte do tempo era ocupada pelo trabalho. Oliveira (2010), realizou uma pesquisa com cinco estudantes do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual do Rio De Janeiro, onde foi possível observar por meio das entrevistas que os estudantes possuíam horários irregulares por conta do trabalho e do curso, ocasionando desgaste físico e mental. Os estudantes tinham dificuldade para organizar um horário para os estudos, onde geralmente utilizavam o tempo entre as aulas para estudar, cada um possuía sua própria estratégia de estudos, buscando se organizar conforme seu contexto. De acordo com a autora, fica visível que a maioria dos estudantes trabalhavam por necessidade, onde precisavam encontrar maneiras de conciliar os estudos, o trabalho e a vida pessoal.

Em relação a conciliação da vida acadêmica com a vida pessoal, Oliveira (2010) apresenta que em algumas situações os estudantes relataram que precisavam desistir de algumas coisas para conseguirem dar conta das exigências do curso e que os horários eram puxados, sendo complicado conciliar tudo. Um dos entrevistados, comentou que as vezes precisava deixar de lado o horário do sono, do almoço e das atividades de lazer, para conseguir dar conta. Pois, como a autora aponta “conciliar trabalho, estudo, família, vida religiosa, não é nada fácil e os alunos trabalhadores retratam bem isso em suas falas” (OLIVEIRA, 2010, p.40) e a fadiga, o cansaço físico, a falta de tempo e a distância são os maiores enfrentamentos dos estudantes. Não há tempo hábil para descansar e ter momentos de lazer, para descontrair a mente e se recuperar do esforço físico.

É possível observar que o ambiente e as condições vivenciadas pelos estudantes do curso de Pedagogia durante a graduação influenciam significativamente em sua qualidade de vida e desempenho acadêmico. Ao longo da formação, os estudantes precisam lidar com diversas situações e dificuldades que

aparecem durante o curso, sendo estes possíveis geradores de estresse, onde em algumas situações contribuem para o aparecimento de sintomas associados a SB.

3. ESTUDO DE CAMPO

3.1. PERCURSO METODOLÓGICO

Este trabalho foi elaborado a partir da observação da sobrecarga de atividades que os estudantes de Pedagogia supostamente estariam expostos, uma vez que muitos dos colegas de curso apresentavam queixas de sentimentos de incapacidade, cansaço e, em alguns casos, adoecimento. Primeiramente, foi realizada uma breve revisão bibliográfica realizando o levantamento e a leitura de obras primárias e secundárias. Segundo Marconi e Lakatos (2003), a revisão bibliográfica pode propiciar ao pesquisador um contato com o que já foi pesquisado sobre o tema de pesquisa, e tem como objetivo “o reforço paralelo na análise de suas pesquisas” (TRUJILLO, 1974, p. 230 *apud* MARCONI; LAKATOS, 2003, p. 183). Neste referencial, procurou-se apresentar um breve histórico da SB, além da sintomatologia desta síndrome, os processos que envolvem fatores de riscos psicossociais, a SB relacionada à docência e a estudantes universitários, além de uma breve apresentação de autores que falam sobre o curso de Pedagogia.

Considerando o objetivo e as revisões de bibliografia, o estudo foi pautado na abordagem quali-quantitativa, que segundo Ensslin e Vianna (2008), pode ser utilizada para explorar melhor questões que ainda são pouco estruturadas, e afirma que este tipo de pesquisa é

de necessária predominância ao se considerar a relação dinâmica entre o mundo real, os sujeitos e a pesquisa, ainda mais quando se intensificam os consensos nos questionamentos acerca das limitações da Pesquisa Operacional Clássica em incorporar os sujeitos, objetos e ambientes no contexto de construção do conhecimento e conseqüentemente nas metodologias de pesquisa. (ENSSLIN; VIANNA, 2008, p. 8)

A técnica de pesquisa utilizada foi a observação direta extensiva, que segundo Lakatos e Marconi (2003) é realizada por meio do questionário como instrumento de coleta de dados.

Assim, foi elaborada uma série de perguntas, a partir do estudo teórico prévio sobre a SB, os fatores de riscos psicossociais, e as relações entre a SB, a docência e estudantes universitários. Antes de ser divulgado para obter os resultados, foram realizados testes com estudantes que não participariam da coleta para análise, a fim

de observar o tempo que levaria para ser respondido, além das facilidades e dificuldades diante de três possíveis plataformas digitais utilizadas para responder (smartphones, computadores e tablets).

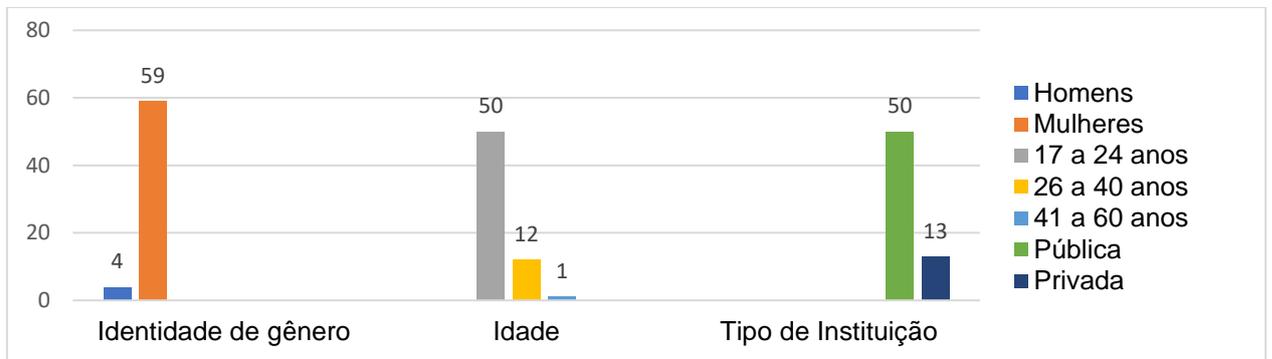
A aplicação se deu via Google Forms e ficou 11 dias aberto para receber respostas, obtendo um total de 63 respondentes. O questionário foi divulgado para estagiárias de duas escolas da rede privada de Curitiba, que são estudantes de Pedagogia de instituições públicas e privadas, além de ter sido divulgado nas redes sociais do Centro Acadêmico Anísio Teixeira (centro acadêmico do curso de Pedagogia da UFPR) e via redes sociais com colegas de turma da UFPR. Assim sendo, longe de se ter o objetivo de diagnosticar os estudantes, procurou-se analisar se o contexto que esses estão inseridos podem oferecer riscos psicossociais que contribuam para o desenvolvimento da SB.

O questionário foi elaborado com o objetivo de realizar um breve levantamento do perfil de estudantes de Pedagogia, abordando questões como idade, identidade de gênero, tipo de curso e instituição de ensino, entre outras questões, além de propiciar uma possível análise referente à exposição a riscos psicossociais, e se estes podem ou não ser associados à SB. As questões referentes aos fatores de riscos psicossociais foram formuladas a partir das características explicitadas e categorizadas por Camelo e Angerami (2008), apresentadas na Tabela 2 (p. 19), adaptando as questões tanto para o ambiente de trabalho quanto para o ambiente acadêmico, e também por alguns dos sintomas referentes à SB, apresentados na Tabela 1 (p. 17).

3.2. INFORMAÇÕES OBTIDAS

A partir do questionário aplicado via Google Forms, obtivemos 63 respostas de estudantes de Pedagogia, afim de traçar um breve perfil sobre os respondentes, e os dados obtidos estão expostos nos seguintes gráficos:

GRÁFICO 1: IDENTIDADE DE GÊNERO, IDADE E TIPO DE INSTITUIÇÃO DOS ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

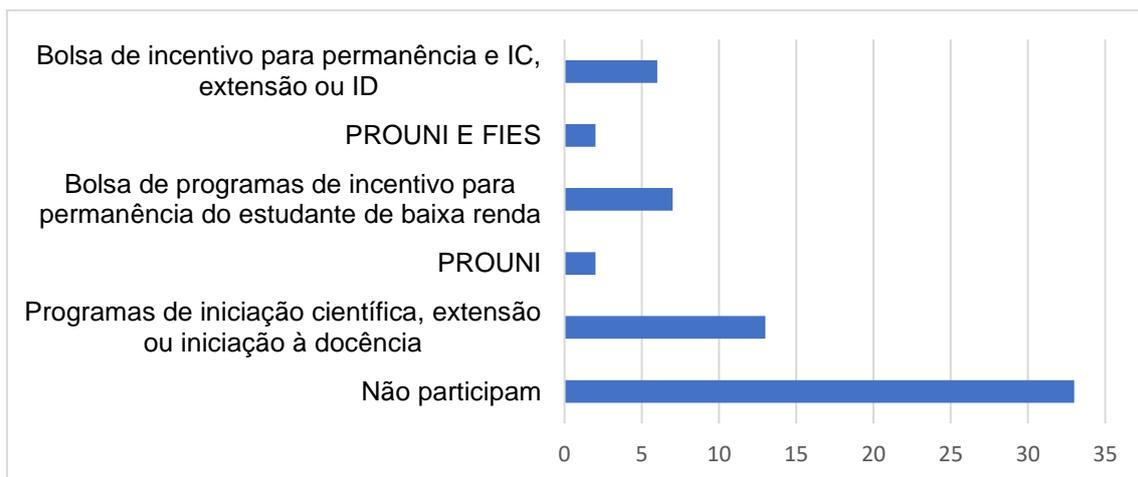


FONTE: AMORIM; LOPES (2018)

Como é possível observar no Gráfico 1, 59 dos participantes se identificaram como mulheres e apenas 4 se identificaram homens, a maior parte jovens entre 17 e 25 anos. A maioria dos participantes (50) são de instituições públicas de ensino, e 13 são de instituições privadas, sendo 59 estudantes de cursos presenciais e apenas 4 de cursos à distância.

Destes estudantes, 30 participam de algum tipo de bolsa de suas instituições, como mostra o Gráfico 2:

GRÁFICO 2: PARTICIPANTES DE PROGRAMAS DE BOLSAS



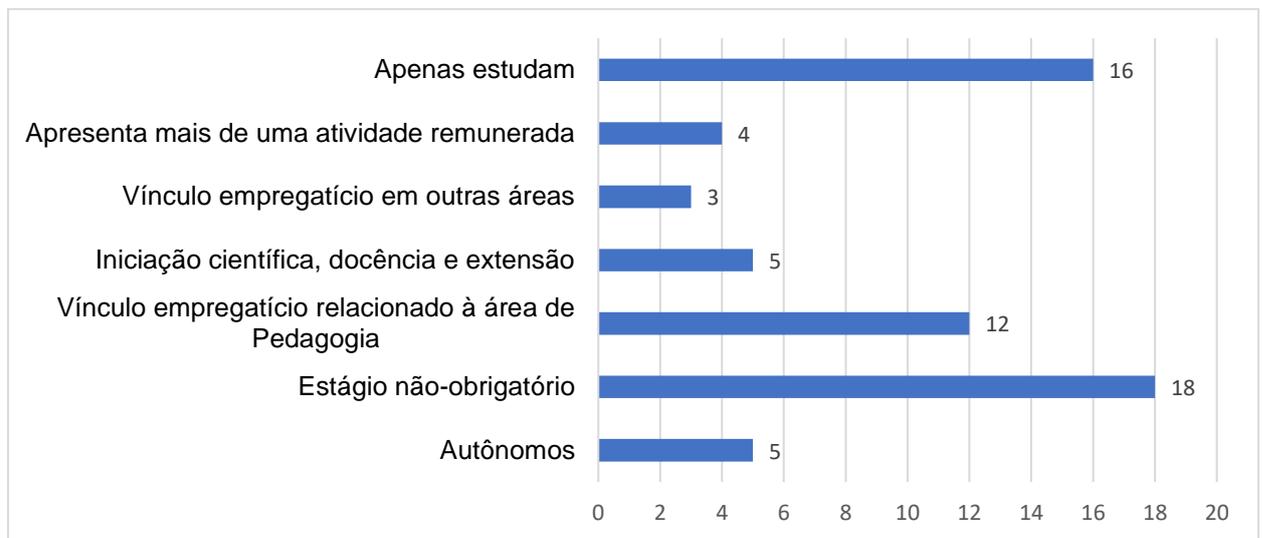
FONTE: AMORIM; LOPES (2018)

Dos participantes, 13 fazem parte de programas de iniciação científica, extensão ou iniciação à docência, 7 recebem bolsas de programas de incentivo para permanência do estudante de baixa renda, 2 participam do PROUNI (Programa

Universidade Para Todos), 2 participam concomitantemente do PROUNI e do FIES (Fundo de Financiamento do Estudante de Ensino Superior), e 6 bolsa de programas de incentivo para permanência do estudante de baixa renda participando também de programas de iniciação científica, extensão ou iniciação à docência.

Como ilustra o Gráfico 3, 47 entrevistados possuem alguma atividade remunerada:

GRÁFICO 3: ATIVIDADES REMUNERADAS APRESENTADAS PELOS ESTUDANTES



FONTE: AMORIM; LOPES (2018)

Destes, 18 são estagiários na área de Pedagogia, 12 possuem vínculo empregatício na área de Pedagogia, 5 trabalham de maneira autônoma como freelancers ou no comércio, 5 são bolsistas em programas de iniciação científica, extensão ou docência, 3 possuem vínculo empregatício em outras áreas, como na área do direito ou comércio, e 4 apresentam mais de uma atividade remunerada dentre as opções acima citadas. Dos 63 acadêmicos, durante o período de sua graduação, 31 residem com a família e afirmam não precisar auxiliar nas despesas de casa, enquanto 18 com a família e auxiliam nas despesas de casa, 11 moram sozinhos ou com amigos e se sustentam sozinhos, e 3 moram sozinhos ou com amigos e recebem auxílio da família.

A Tabela 3 (p. 33) apresenta as respostas dos participantes acerca da carga horária dedicada diariamente aos estudos fora de sala de aula, e também da carga horária semanal dos que afirmaram possuir alguma atividade remunerada:

TABELA 3: CARGAS HORÁRIAS FORA DE SALA DE AULA

CATEGORIA DE CARGA HORÁRIA	CARGA HORÁRIA	NÚMERO DE ESTUDANTES
Carga horária diária dedicada aos estudos	30 minutos ou menos	20
	1 hora ou menos	13
	De 1 a 2 horas	14
	2 horas ou mais	16
Carga horária semanal dedicada à atividade remunerada	12 horas semanais ou menos	4
	20 horas semanais	9
	30 horas semanais	22
	40 horas semanais ou mais	12

FONTE: AMORIM; LOPES (2018)

Na Tabela 4 (p. 33) estão as respostas dos estudantes relacionadas à qualidade de vida dos estudantes e também a possíveis riscos psicossociais:

TABELA 4: QUESTIONÁRIO SOBRE A QUALIDADE DE VIDA DOS ESTUDANTES

(continua)

	Frequência de respostas					
	Nunca	Quase nunca	Regularmente	Quase sempre	Sempre	Não me identifico com a pergunta
Tenho disposição para participar de momentos em família	3	6	18	18	18	-
Tenho disposição para atuar na docência e/ou no ambiente escolar	2	4	10	21	23	3
Mantenho uma alimentação balanceada	9	12	19	18	5	-
Me sinto satisfeita(o) em relação ao meu trabalho/estágio/projeto	1	6	17	16	15	8
Reservo períodos durante os dias da semana para lazer	4	17	20	9	13	-
Me sinto satisfeito(a) em relação à escolha de fazer o curso de Pedagogia	1	4	8	19	30	1
Me sinto satisfeita(o) com minha forma física	12	11	15	19	6	-
Me sinto capaz de realizar minhas tarefas diárias	3	8	19	18	15	-
Me sinto motivada(o) e incentivada(o) no meu trabalho/estágio	4	7	18	11	13	10
Recebo apoio para meu desenvolvimento pessoal na instituição de ensino	7	9	18	14	13	2

TABELA 5: QUESTIONÁRIO SOBRE A QUALIDADE DE VIDA DOS ESTUDANTES

	(conclusão)					
Reservo os finais de semana para o lazer	4	10	19	14	16	-
A instituição de ensino em que estudo oferece condições físicas e sociais adequadas	5	9	20	19	9	1
Pratico atividades físicas	16	15	14	11	7	-
Recebo apoio para meu desenvolvimento pessoal no ambiente de trabalho	8	9	16	5	15	10
Me sinto satisfeito(a) com minha instituição de ensino	2	4	13	27	17	-
Me sinto confortável em manter relações com pessoas do meu círculo social	4	4	14	13	28	-
Meu ambiente de trabalho oferece condições físicas e sociais adequadas	4	5	13	12	18	11
Me sinto indisposta(o) para realizar tarefas	8	6	28	11	9	1
Me sinto motivada(o) e incentivada(o) no ambiente acadêmico	8	15	15	15	10	-
Tenho expectativas de sucesso acerca do meu crescimento profissional	4	3	13	24	16	3
Sei exatamente qual função devo exercer no meu ambiente de trabalho e exerço apenas minha função	7	7	13	15	11	10
Me sinto valorizado pelo meu ambiente de trabalho	5	8	19	11	12	8
Me sinto satisfeito(a) com o meu rendimento acadêmico	7	7	18	17	14	-

FONTE: AMORIM; LOPES (2018)

3.3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Por meio dos resultados obtidos é possível perceber que, ainda que seja ao mesmo tempo impactante e já esperado, como Lima (2016), Rodrigues (2005) e Mesquita (2010) apontam, o público alvo do curso é, historicamente, predominantemente feminino, dado que se manteve na amostragem, foi possível observar que quase metade dos estudantes não precise trabalhar, a outra metade é

bastante dividida em outras atividades que podem sobrecarregar os estudos, empregos e, deste grupo, majoritariamente o estágio não obrigatório, além de projetos de pesquisa, que podem contribuir amplamente para a formação, porém, também podem apresentar fatores de riscos psicossociais. As questões apresentadas na Tabela 4 (p. 33) trouxeram afirmações acerca da qualidade de vida dos estudantes, satisfação em relação à escolha do curso e, principalmente, alguns possíveis fatores de riscos psicossociais que poderiam estar presentes tanto em seus ambientes de trabalho quanto em suas instituições de ensino.

Na amostragem foi possível perceber que alguns estudantes demonstraram sentimentos negativos em relação à sua instituição de ensino, ao seu trabalho e em relação a si mesmos. Mota et al (2017) afirma que a sobrecarga das tarefas acadêmicas expõe os estudantes à sintomas semelhantes aos da SB, entre eles, Carlotto e Câmara (2006) e Barlem et al. (2013) apontam sentimentos de incompetência, insegurança, desgaste emocional, baixa autoestima, podendo levar até ao distanciamento dos estudos, sendo assim, foi possível observar que a satisfação em relação à academia caminha próxima a esses apontamentos, uma vez que a partir da amostragem obtida na pesquisa, é possível afirmar que, ainda que não sejam a maioria, boa parcela dos estudantes apresenta sentimentos negativos em diversos aspectos. Dos participantes, 9 nunca ou quase nunca se sentem capazes de realizar suas tarefas diárias, e 19 consideram que este sentimento ocorra “regularmente”, e conseqüentemente, 20 sempre ou quase sempre se sentem indispostos para realizar tarefas.

Conforme afirma Barlem et al. (2013), os sentimentos de impotência e inferioridade podem contribuir na insatisfação relacionada ao curso, quanto à satisfação com relação ao desempenho acadêmico, concordando com algumas respostas, pois, 5 participantes nunca ou quase nunca se sentem satisfeitos em escolher o curso de Pedagogia, 14 nunca ou quase nunca apresentam satisfação com o seu desempenho acadêmico, 6 nunca ou quase nunca estão dispostos para atuar na docência e/ou no ambiente escolar, além de 6 nunca ou quase nunca se sentem satisfeitos com suas instituições de ensino. Em relação à satisfação com o trabalho/estágio/programa de iniciação científica, iniciação à docência ou projetos de extensão, 7 dos participantes afirmaram que nunca ou quase nunca se sentem satisfeitos com estas atividades, e 17 responderam consideram estar satisfeitos “regularmente”.

Quando discutimos acerca da grande responsabilidade a que os estudantes estão sujeitos, Barlem et al. (2013) afirma que a exaustão emocional pode se desenvolver diante da sobrecarga das atividades acadêmicas, a carga horária das disciplinas, além dos constantes processos avaliativos que estão submetidos, assim, é possível afirmar que grande parte deles estão expostos a diversos fatores geradores de estresse, muitas vezes abrindo mão dos seus momentos de lazer e de descanso, também deixando o âmbito social em segundo plano, o que foi identificado também nesta amostragem, pois 21 destes estudantes nunca ou quase nunca reservam um período durante os dias da semana para o lazer, e 14 nunca ou quase nunca reservam os finais de semana, 9 trouxeram respostas negativas referentes à disposição de passar o tempo livre com suas famílias, 8 nunca ou quase nunca se sentem confortáveis em se relacionar com pessoas do seu círculo social.

Maia (2010), aponta por meio de seus estudos e pela literatura que o sedentarismo pode contribuir para o surgimento de sintomas relacionados ao estresse. O estresse em algumas situações também pode contribuir para o aparecimento de desordens e perturbações alimentares. Sendo assim, é possível afirmar que uma alimentação balanceada e a prática de exercícios físicos podem auxiliar na diminuição deste possível estresse gerado pelo ambiente acadêmico, ainda assim, é possível perceber que muitos dos participantes estão distantes desta realidade, uma vez que 31 dos estudantes não praticam exercícios físicos, 21 nunca ou quase nunca mantém uma alimentação balanceada, e 23 deles não estão satisfeitos com a sua forma física.

Rodrigues (2016), verifica que muitos estudantes estão submetidos à uma jornada dupla, encarando a sobrecarga que a academia acarreta com trabalho. Da amostragem, 47 dos 63 participantes apresentam algum tipo de atividade remunerada como emprego, estágio não-obrigatório ou programas de IC, ID e extensão. Destes, 30 deles já atuam, como estagiários ou professores regentes no ambiente escolar, além dos estudantes estarem diante de um curso superior que, assim como qualquer graduação, demanda tempo de estudo, dedicação e reflexão, também estão inseridos em um ambiente de trabalho que está configurado diante de diversos fatores de riscos psicossociais. Zacchi (2004), verificou ao longo de seus estudos que as condições impostas pela profissão e o ambiente do trabalho docente podem contribuir para o aparecimento de problemas de saúde e o afastamento de alguns profissionais. Foram relatados durante as entrevistas realizadas pela autora pontos negativos sobre a

profissão, alguns dos aspectos mencionados foram o precário ambiente de trabalho, sobrecarga de tarefas, a falta de tempo para realizar suas atividades pessoais, as relações interpessoais com os alunos, as famílias e os colegas de trabalho, o cansaço físico, a desânimo, o baixo salário e a cobrança social exigida do trabalho realizado pelo professor. Conforme Carlotto (2011), a profissão de professor, que antigamente era considerada uma profissão vocacional que trazia grande satisfação pessoal, atualmente vem se tornando alvo de diversos estressores psicossociais que estão dispostos em seu ambiente de trabalho, o que poderia assim influenciar o crescimento do risco para o aparecimento e o desenvolvimento de sintomas associados à SB em professores.

Ao discutirmos as questões referentes aos fatores de riscos psicossociais, é importante salientar estas foram baseadas nas características explicitadas e categorizadas por Camelo e Angerami (2008), que foram aqui apresentadas na Tabela 2 (p. 19), adaptando as questões tanto para o ambiente de trabalho quanto para o ambiente acadêmico. Analisando as questões voltadas especificamente aos fatores de riscos psicossociais, em relação ao ambiente acadêmico foi possível observar que 16 dos participantes consideram que nunca ou quase nunca recebem apoio para seu desenvolvimento pessoal na instituição de ensino, 23 afirmam que nunca ou quase nunca se sentem motivados ou incentivados pela instituição, 14 consideram que suas instituições de ensino nunca ou quase nunca oferecem condições físicas e sociais adequadas. Barlem (2013), verificou ao longo de seus estudos que a falta de reconhecimento e desvalorização da profissão escolhida pelos estudantes durante a graduação pode contribuir para o aparecimento de sentimentos associados a inferiorização, baixa autoestima, falta de entusiasmo e incapacidade. Esse fato pode evidenciar que os graduandos se sentem desmotivados a prosseguirem com suas tarefas acadêmicas.

Uma observação necessária é que em duas das questões, apresentadas na Tabela 4 (p. 33), sobre riscos psicossociais voltadas ao ambiente de trabalho, vários estudantes apresentaram respostas que não condizem com suas realidades, uma vez que dos 16 estudantes que afirmaram apenas estudar e não realizam nenhuma atividade remunerada, estas questões obtiveram números entre apenas 8 a 11 respondentes que assinalaram a resposta “não me identifico com a pergunta”, uma vez que se não trabalham, fazem estágio ou projetos de pesquisa, esta seria a opção condizente, ainda assim, existe a possibilidade do participante ter apresentado uma

interpretação diferente da esperada ao responder a pesquisa, uma das limitações possíveis em seu desenvolvimento.

Camelo e Angerami (2008) afirmam que trabalhadores estressados podem resultar em ineficiência, comunicação deficiente, desorganização, insatisfação e diminuição da produtividade, é possível observar, então, que diversos estudantes trouxeram respostas que apresentam fatores que podem levar ao estresse, e conseqüentemente, a um baixo rendimento não apenas no trabalho mas também nas atividades acadêmicas. Em relação ao trabalho, estágio ou programa de IC, ID, ou extensão, 11 nunca ou quase nunca se sentem motivados ou incentivados pelo seu trabalho/estágio/programa de IC, ID ou extensão, 17 consideram que nunca ou quase nunca recebem apoio para seu desenvolvimento pessoal no ambiente de trabalho, 7 nunca ou quase nunca tem expectativas acerca do seu crescimento profissional.

Dos participantes, 9 consideram que nunca ou quase nunca ambiente de trabalho oferece condições físicas e sociais adequadas, um fator de risco muito presente no ambiente escolar e como as autoras afirmam, recursos humanos e materiais são essenciais no contexto de trabalho, e a falta destes recursos pode prejudicar o andamento das tarefas a serem executadas.

Outros fatores de risco apontado pelas autoras que estão relacionados à preocupação acerca da impossibilidade de crescimento, dúvidas na carreira e a baixa valorização, 13 participantes não se sentem ou quase nunca se sentem valorizados pelo seu ambiente de trabalho, 14 nunca ou quase nunca sabem exatamente qual função devem exercer no ambiente de trabalho e exercem apenas sua função, e segundo as autoras, quando o profissional tem clareza do papel que exerce consegue atuar com mais confiança, se posicionando diante de situações, além de propiciar um desenvolvimento de um conceito mais consistente sobre si mesmo.

Ao analisar as condições de vida pessoal, acadêmica e profissional dos estudantes, foi possível observar que alguns dos participantes podem estar expostos a possíveis fatores de riscos psicossociais, uma vez que alguns dos participantes demonstraram, por meio do questionário, sentimentos negativos associados à sua instituição de ensino, seu trabalho e a si mesmos.

Sendo assim, é possível perceber que diversos estudantes do curso de Pedagogia estão rotineiramente ligados à possíveis fatores geradores de estresse, uma vez que alguns dos estudantes consideram não receber apoio por parte das

instituições de ensino, e mesmo que ainda não tenham concluído a graduação, já estão expostos a diversos fatores de riscos. A organização das atividades cotidianas destes estudantes pode acabar influenciando na aparição de sintomas relacionados à SB apontados por Benevides-Pereira (2002) e Carlotto e Câmara (2006), como a exaustão emocional, a fadiga, perda de interesse, sentimentos de incompetência e insuficiência, baixa autoestima, entre outros, tanto na perspectiva profissional quanto na acadêmica, o que pode acabar resultando em profissionais recém-formados iniciando suas carreiras já exaustos físico e psicologicamente de seus exercícios profissionais.

Ainda assim, a partir dos resultados obtidos aliados à revisão bibliográfica, é possível considerar nossa pergunta respondida, uma vez que foi possível identificar fatores de riscos psicossociais presentes no contexto de vida pessoal, acadêmico e profissional dos estudantes. No entanto, entende-se que não é possível afirmar que essa exposição possa de fato acabar desencadeando uma SB, ainda que alguns dos estudantes tenham apresentado resultados condizentes com os sintomas associados à SB. Embora tenha se utilizado de dados quantitativos, o intuito do trabalho foi refletir sobre a possibilidade da existência de fatores de riscos psicossociais, e se estes poderiam acabar influenciando no desenvolvimento da SB. Obteve-se indícios significativos, contudo o estudo sofre limitações em vista do tamanho da amostragem e do tempo de pesquisa.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A temática da Síndrome de Burnout tem sido abordada com mais seriedade ao longo dos anos, buscando verificar a sua ocorrência em algumas ocupações profissionais e recentemente na área acadêmica. Maslach, Jackson e Leiter (1981) apontam como principais sintomas da SB a exaustão emocional, esgotamento, debilitação e fadiga, a despersonalização e a reduzida realização pessoal. Benevides-Pereira (2002) ainda aponta que existem sintomas físicos, psíquicos, comportamentais e defensivos associados a SB e ressalta que os indivíduos não vão apresentar necessariamente todos os sintomas.

De acordo com a perspectiva Psicossocial, segundo Gil-Monte (2005), a SB não é identificada como estresse psicológico, mas como uma resposta ao estresse associado as relações dentro do contexto de trabalho. Alguns autores, ao longo das últimas décadas, passaram a observar a existência de fatores de riscos psicossociais, estes, como apresentam Camelo e Angeremi (2008), se tratam de um conjunto de características e experiências dos profissionais, onde em algumas situações são individuais, outras relacionadas a expectativas econômicas ou desenvolvimento pessoais, e outras as interações humanas e suas características emocionais, conseqüentemente, estes aspectos podem influenciar para as causas do adoecimento mental, físico e social dos trabalhadores.

Em relação à docência, o modo como o ambiente e o contexto do trabalho pode apresentar diversos fatores de riscos psicossociais. Zacchi (2004), observa que estas condições impostas pela profissão podem influenciar na qualidade de vida, ocasionando problemas de saúde e o afastamento de alguns profissionais da sala de aula. Diante desta complexidade na organização e da presença destes fatores de riscos, o professor se torna um alvo suscetível à SB.

Algumas pesquisas indicam que é possível verificar a incidência da SB em estudantes universitários, diante da sobrecarregada rotina, tarefas e o contexto no qual estão inseridos. Carlotto e Câmera (2006), apontam que a SB em estudantes também é configurada em suas três dimensões, exaustão emocional onde há o sentimento de estar desgastado em relação as atividades acadêmicas e aos estudos,

a eficácia profissional que apresenta sentimentos de incompetência e insuficiência no papel de estudante e descrença que está associada ao distanciamento dos estudos.

O estudo foi desenvolvido por uma abordagem quali-quantitativa, a técnica utilizada foi a observação direta extensiva, que por meio da aplicação de um questionário, procurou realizar um levantamento do perfil dos estudantes de Pedagogia, para observar se o contexto no qual os estudantes estão inseridos apresentam indícios de riscos psicossociais que podem levar ao estresse, e desse modo, contribuir para o aparecimento de sintomas relacionados a SB.

A partir da amostragem foi possível observar que quase metade dos estudantes apontam para a insatisfação com a sua qualidade de vida, muitos não mantêm uma alimentação balanceada, não realizam a prática de atividades físicas e não reservam tempo para o lazer durante a semana ou nos finais de semana. Foi possível observar também que 2/3 dos participantes se sentem indispostos para realizar tarefas. A maior parte não se sente motivada no ambiente acadêmico nem no ambiente de trabalho.

A partir da bibliografia utilizada, resultados e a análise de dados, foi possível identificar fatores de riscos psicossociais presentes no contexto de vida pessoal, acadêmico e profissional dos estudantes, também foi possível perceber que alguns dos estudantes tenham apresentado resultados condizentes com os sintomas associados à SB. Embora tenha se utilizado de dados quantitativos, a análise dos mesmos se deu sob a perspectiva qualitativa, com o intuito de refletir sobre a possibilidade da existência de fatores de riscos psicossociais na vida de estudantes de Pedagogia, e se estes poderiam acabar influenciando no desenvolvimento da SB. Ainda que o estudo sofra limitações em vista do tamanho da amostragem e do tempo de pesquisa, obteve-se indícios significativos fato que, no mínimo, sinalizam para evidências sobre o riscos psicossociais a que estudantes de Pedagogia estão expostos e que merecem investigação mais ampla.

REFERÊNCIAS

BARLEM, J. G. T. et al. Manifestações da Síndrome de Burnout entre estudantes de graduação em enfermagem. **Texto Contexto Enferm**. Florianópolis, p. 754-62, Jul./Set. 2013. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/tce/v22n3/v22n3a23.pdf>>. Acesso em:27/07/2018.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. **Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BENEVIDES-PEREIRA, A. M. T. Elaboração e validação do ISB – inventário para avaliação da síndrome de burnout. **Boletim de Psicologia**. Paraná, v. 65, n. 142, p.059-071, 2015. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/bolpsi/v65n142/v65n142a06.pdf>>. Acesso em: 16/09/2018.

BORGES, A. M. B.; CARLOTTO, M. S. Síndrome de Burnout e Fatores de Estresse em Estudantes de um Curso Técnico de Enfermagem. **Aletheia**. Canoas, n. 9, p. 45-56, jan./jun. 2004. Disponível em:<<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/aletheia/n19/n19a05.pdf>>. Acesso em:27/07/2018.

BORGES, L. O. et al. A Síndrome de Burnout e os Valores Organizacionais: Um Estudo Comparativo em Hospitais Universitários. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. Rio Grande Do Norte, v.15, n.1, p.189-200, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v15n1/a20v15n1.pdf>> Acesso em: 26/08/2018.

CAMELO, S. H. H.; ANGERAMI, E. L. S. Riscos Psicossociais no trabalho que podem levar ao estresse: uma análise da literatura. **Ciência, Cuidado e Saúde**, Maringá, v. 7, p. 232-240, abr./jun. 2008. Disponível em: <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5010/3246>>. Acesso em: 05/05/2018.

CARLOTTO, M. S.; CÂMARA, S. G. Características psicométricas do Maslach Burnout Inventory – Student Survey (MBI-SS) em estudantes universitários brasileiros. Bragança Paulista: **Psico-USF**, v. 11, n. 2, 167-173, 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pusf/v11n2/v11n2a05.pdf>>. Acesso em: 09/09/2018.

ENSSLIN, L.; VIANNA, W. B. O design na pesquisa quali-quantitativa em engenharia de produção: questões epistemológicas. **Produção Online**, Florianópolis, SC, v. 8, n. 1, 2008. Disponível em: <<https://www.producaoonline.org.br/rpo/article/view/28>>. Acesso em:20/10/2018.

FERREIRA, M. F. **O curso de pedagogia: perfil de ingresso, inserção profissional e promoção social**. 2014. xix, 158 f., il. Dissertação (Mestrado em Educação)— Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

GIL-MONTE, P. R. El síndrome de quemarse por el trabajo (Burnout): una perspectiva histórica. In: Martínez, S. L. M. et al. **Quemarse en el trabajo. 11 perspectivas del Burnout**. Egido Editorial, 2005. p. 37-44. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/263278349_El_sindrome_de_quemarse_por_el_trabajo_burnout_una_perspectiva_historica> Acesso em: 04/10/2018.

GIL-MONTE, P. R. El síndrome de quemarse por el trabajo (burnout) como fenómeno transcultural. **Informació Psicológica**, Valencia, n. 91-92, p. 4-11, set. 2007/abr. 2008. Disponível em: <https://www.uv.es/unipsico/pdf/Publicaciones/Articulos/01_SQT/2007_08_Gil_Monte.pdf>. Acesso em: 04/05/2018

GROTBERG, E. A guide to promoting resilience in children: strengthening the human spirit. The International Resilience Project. Bernard van Leer Foundation. **Early Childhood Development: Practice and Reflections**, n.9, p.1-7, 1995. Disponível em: <<https://bibalex.org/baifa/Attachment/Documents/115519.pdf>> Acesso em: 04/09/2018.

JIMENEZ, B. M. et al. 'A avaliação do Burnout em Professores. Comparação de instrumentos: CBP-R E MBI-ED. **Psicologia em Estudo**. Maringá, v. 7, n. 1, p. 11-19, jan./jun. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pe/v7n1/v7n1a02.pdf>>. Acesso em: 26/07/2018.

LEVY, G. C. T. de M.; SOBRINHO, F. P. N.; SOUZA, C. A. A. Síndrome de Burnout em professores da rede pública. **Produção**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 458-465, set./dez. 2009. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prod/v19n3/04.pdf>>. Acesso em: 26/07/2018.

LIMA, F, J, I. **Gênero no percurso de vida dos estudantes do curso de pedagogia da UFC**. 203 f. Tese (Doutorado em Educação) – Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22077/1/2016_tese_fjilima.pdf>. Acesso em:14/09/2018.

LOUREIRO, E, M, F. **Estudo da relação entre o stress e os estilos de vida dos estudantes de Medicina**. 396 f. (Mestrado em Psicologia)- Área de especialização da Psicologia de Saúde, Universidade do Minho, Instituto de Educação e Psicologia, Portugal, 2006. Disponível em: <

<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6407/1/TESE%20DE%20MESTRADO%202006.pdf>>. Acesso em: 08/10/2018.

MAIA, D, A, C. **Burnout entre estudantes de medicina e os efeitos das práticas de atividades físicas**. 91 f. (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas, Universidade de Fortaleza, Fortaleza, 2010. Disponível em:< <https://uol.unifor.br/oul/conteudosite/F1066341265/Dissertacao.pdf>>. Acesso em: 08/10/2018.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MASLACH, C.; JACKSON, S. E LEITER, M. **Maslach Burnout Inventory**. 1981.

MESQUITA, M, C, D, G, D. **O trabalhador estudante do ensino superior noturno: possibilidades de acesso, permanência com sucesso e formação**. 193 f. Tese, (Doutorado em Educação) – Departamento de Educação, Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2010. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/677/1/MARIA%20CRISTINA%20DAS%20GRACAS%20DUTRA%20MESQUITA.pdf>>. Acesso em:15/09/2018.

MOSER, A. M.; AMORIM E C.; ANGST, R. Burnout e Resiliência em Estudantes de Pedagogia de Curitiba/PR. **PsicoFAE**. Curitiba, v. 2, n. 2, p. 49-58, 2013. Disponível em: <<https://revistapsicofae.fae.edu/psico/article/download/24/24>>. Acesso em: 27/07/2018.

MOTA, I. D., SÍNDROME DE BURNOUT EM ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS: um olhar sobre as investigações. **Motrivivência**. Florianópolis, v. 29, n. esp., p. 243-256, dezembro. 2017. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/article/viewFile/2175-8042.2017v29nespp243/35497>>. Acesso em:27/08/2018.

OLIVEIRA, N, C, D. **Alunos Trabalhadores no Curso de Pedagogia**. 81 f. Monografia, (Graduação em Pedagogia), Departamento de Educação, Universidade Do Estado Do Rio De Janeiro, São Gonçalo, 2010. Disponível em: <<http://www.ffp.uerj.br/arquivos/dedu/monografias/NCDO2010.pdf>>. Acesso em: 15/09/2018.

PÊGO, F. P. L.; PÊGO, D. R. Síndrome de Burnout. **Rev. Bras. Med. Trab.** Anápolis, v. 14, n. 2, p. 171-176, 2016. Disponível em:< www.rbmt.org.br/export-pdf/46/v14n2a15.pdf> Acesso em: 26/08/2018.

PIRES, S; MATEUS, R; CÂMARA J. Síndrome de Burnout nos profissionais de saúde de um centro de atendimento a toxicodependentes. **Revista Toxicodependências**. Portugal, v.10, n.1, p. 15-23, 2004. Disponível em: <http://www.sicad.minsaude.pt/BK/RevistaToxicodependencias/Lists/SICAD_Artigos/Attachments/118/2004_01_TXT2.pdf>. Acesso em: 29/09/2018.

RODRIGUES, G, M, C. **Desafios à formação e perspectivas profissionais de trabalhadores-estudantes e estudantes-trabalhadores do curso de pedagogia**. 148 f. Dissertação, (Mestrado em Educação), Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016. Disponível em: <<http://tede2.pucgoias.edu.br:8080/bitstream/tede/3531/2/GEOVANNA%20MOREIRA%20CALES%20RODRIGUES.pdf>>. Acesso em: 14/09/2018.

SANTINI, J. Síndrome do esgotamento profissional Revisão Bibliográfica. **Movimento**. Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 183-209, jan./abr. 2004. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/2832/1445>. Acesso em: 18/08/2018.

SCHAUFELI, W, B. Burnout: A Short Socio-Cultural History. In: Schaufeli, W, B; Enzmann, D. (1998). **The burnout companion to study and practice a critical analysis**. Londres, Taylor & Francis, 1998. p. 105-108. Disponível em: <<https://www.wilmarschaufeli.nl/publications/Schaufeli/481.pdf>>. Acesso em: 29/09/2018.

SILVEIRA, A. L. P. et al. Síndrome de *Burnout*: consequências e implicações de uma realidade cada vez mais prevalente na vida dos profissionais de saúde. **Ver. Bras. Med. Trab.** Belo Horizonte, v. 14, n. 3, p. 275-284, 2016. Disponível em: <www.rbmt.org.br/export-pdf/121/v14n3a13.pdf> Acesso em: 27/08/2018.

SOBRAL, R. C. **Fatores psicossociais de risco no trabalho e a Síndrome de Burnout**. 2015. 119 p. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Ciências Médicas, Campinas SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/313074>>. Acesso em: 27/08/2018.

TAMAYO, M. R. E TRÓCCOLI, B. T. Exaustão emocional: relações com a percepção de suporte organizacional e com as estratégias de coping no trabalho. **Estudos de Psicologia**, Brasília, v. 7, p.37-46, 2002. Disponível em: <<http://www.saudeetrabalho.com.br/download/exaustao-tamayo.pdf>>. Acesso em: 30/04/2018.

ZACCHI, M.S.S. **Professores (as): trabalho, vida e saúde.** 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/87237/203874.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 26/07/2018.

ANEXO 1 - QUESTIONÁRIO PARA ESTUDANTES DE PEDAGOGIA

Qual é a sua idade?

- 17 a 25 anos
- 26 a 40 anos
- 40 a 59 anos
- 60 anos ou mais

Como você se identifica?

- Homem
- Mulher
- Prefiro não informar
- Outro: _____

Qual é o seu estado civil?

- Solteiro(a)
- Casado
- Divorciado
- Viúvo
- Outro: _____

Com quem você reside:

- Sozinho ou com amigos, me sustento sozinho;
- Sozinho ou com amigos, minha família me auxilia nas despesas;
- Com a minha família, auxílio nas despesas da casa;
- Com a minha família, não preciso auxiliar nas despesas da casa.

Caso receba apoio financeiro para permanência no curso, quem te auxilia?

- Mãe e/ou pai
- Avós
- Marido/esposa
- Filhos(as)
- Empresa
- Outros: _____

Você cursa Pedagogia em uma instituição

- Pública
- Privada

Você participa/participou de algum programa de bolsas na instituição de ensino?

- Sim, recebo bolsa de programas de incentivo para permanência do estudante de baixa renda;
- Sim, o PROUNI;
- Sim, o FIES;
- Sim, um programa de bolsas provido pela instituição de ensino, com desconto parcial ou total no valor da mensalidade;
- Sim, um programa de financiamento da própria instituição de ensino;
- Sim, programas de iniciação científica, extensão ou iniciação à docência;
- Sim, outro: _____
- Não.

Em qual turno você estuda?

- Matutino
- Vespertino
- Noturno
- Integral

Quantas horas você dedica ao estudo fora da sala de aula diariamente?

- 30 minutos ou menos
- 1 hora ou menos
- De 1 a 2 horas
- 2 horas ou mais

Além de cursar Pedagogia, você exerce alguma atividade remunerada?

- Sim, eu possuo vínculo empregatício em outra área autônoma (Caso positivo, especificar a área na opção "outro");
- Sim, eu possuo vínculo empregatício na área da Pedagogia;
- Sim, eu trabalho de maneira autônoma (Caso positivo, especificar a área na opção "outro");
- Sim, eu exerço estágio não obrigatório na área da Pedagogia;
- Sim, eu exerço estágio não remunerado em outra área autônoma (Caso positivo, especificar a área na opção "outro");
- Sim, eu participo de programas de iniciação científica, extensão ou docência;
- Não, eu apenas estudo.

Outro _____

Quantas horas semanais você dedica a esta(s) atividade (s)?

- 12 horas semanais ou menos
- 20 horas semanais
- 30 horas semanais
- 40 horas semanais ou mais

Você	Nunca	Quase nunca	Regularmente	Quase sempre	Sempre	Não me identifico
Se sente satisfeito em relação ao seu trabalho/estágio/projeto						
Está disposto a participar de momentos em família						
Se sente disposto a atuar na docência e/ou no ambiente escolar						
Mantém uma alimentação balanceada						
Reserva períodos durante os dias da semana para lazer						
Se sente satisfeito em relação à escolha de fazer o curso de Pedagogia						
Se sente satisfeito com a sua forma física						
Se sente capaz de realizar suas tarefas diárias						
Reserva os finais de semana para o lazer						
Pratica atividades físicas						

Se sente satisfeito com a sua instituição de ensino						
Se sente confortável em manter relações com pessoas do seu círculo social						
Se sente indisposto para realizar suas tarefas						
Se sente satisfeito com o seu rendimento acadêmico						
Mantém boas noites de sono						
Se sente confortável ao se relacionar com pessoas que não conhece						
Se sente satisfeito com a relação com o seu grupo de trabalho em seu exercício profissional						